

## SIMÓN RODRÍGUEZ E PAULO FREIRE: VOZES CONSONANTES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR

Brennan Cavalcanti Maciel Modesto <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as perspectivas de dois filósofos da educação: o venezuelano Simón Rodríguez e o brasileiro Paulo Freire. Seguindo a tônica o horizonte da Educação Popular, reivindicada por ambos enquanto objetivo pedagógico campo de práxis política de suas reflexões. Estabelecendo-se um paralelo entre suas teses, torna-se possível uma análise comparada, avaliando dissidências e complementariedades das reflexões de ambos. Para tanto, parte-se de uma revisão bibliográfica de dupla natureza, a saber, análise lógico-gramatical, enfocando nos processos e percursos argumentativos desenvolvidos pelos autores, e genética, atentando aos diálogos estabelecidos com as tradições e cânones do pensamento em suas teses; desse modo, coaduna-se as formas analítica e continental de fazer pesquisa filosófica, e torna possível o estabelecimento de um edifício conceitual mais sólido para a exegese de suas reflexões, possibilitando em meio às suas particularidades, a demonstração do ponto unísono central existente entre os dois autores: a libertação de grupos oprimidos por meio da educação.

**Palavras-chave:** América Latina, Educação Popular, Filosofia da Educação, Libertação.

### INTRODUÇÃO

Simón Rodríguez e Paulo Freire, cada qual a seu modo, exercem imensurável influência no que veio a ser discutido e posto em prática quanto à Educação, mais especificamente, quanto ao que conhecemos hoje enquanto Educação Popular. No entanto, para além de sua comum importância na história do pensamento Latino-americano (e mundial, caso quisermos ampliar o escopo) e de suas preocupações com uma Escola que atente e atenda aos anseios de um povo oprimido; podemos encontrar diferenças basilares em suas perspectivas.

Ora, é evidente que as diferenças entre as reflexões de Rodríguez e Freire não podem ser ignoradas, afinal, cada pensador fala desde e para seu tempo. Apontam problemas e encaminham possíveis respostas e soluções que são próprias e características de suas próprias vivências. Deste modo, faz-se necessário compreender suas realidades,

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [brennancmm@gmail.com](mailto:brennancmm@gmail.com);

para então adentrarmos às similitudes e dissidências entre suas obras, bem como às suas diretas implicações.

Dado isto, o objetivo do presente escrito é compreender, por meio de uma contraposição, quais os pontos onde Rodríguez e Freire convergem e divergem, de maneira específica, ao que tange a temática da Educação Popular, horizonte de reflexão bastante característico das vida intelectual de ambos.

## **METODOLOGIA**

O presente escrito é fruto de revisão de literatura. Utilizou-se edições físicas de obras, pertencentes ao acervo pessoal do autor; arquivos em domínio público e disponíveis nas plataformas Scielo. Esta se deu por dupla via, coadunando diferentes maneiras de se produzir filosofia. Por um lado, emprega-se análise lógica e gramatical dos argumentos e construções conceituais dos autores; por outro, aplica-se uma análise genética das perspectivas apresentadas. De modo a utilizar os principais artifícios das tradições analítica e continental.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Por um lado, o “Manifesto por uma Escola Filosófica Popular” (2018) de Walter Kohan e Maximiliano Durán, embora seja uma publicação deveras recente, já tornou-se um baluarte para a compreensão do pensamento rodriguiano, sobretudo em terras brasileiras, nesta obra, os autores elucidam com maestria os fundamentos filosóficos da Educação Popular, aos moldes em que a compreende o venezuelano. Dados que contraporem aos contidos no opúsculo “Extrato sucinto da minha obra Sobre a Educação Republicana”, datado originalmente de 1848 e publicado em língua portuguesa apenas no ano de 2016.

Por outro, intencionando compreender de maneira sistemática os quase inesgotáveis trabalhos de Freire sobre a Educação Popular, tomamos enquanto referência primeira o artigo de Geraldo Pérez (1991) que leva o título de “Educação Popular segundo Paulo Freire” e “Educação Popular, Educação social, Educação Comunitária: conceitos e

práticas diversas, cimentadas por uma causa comum”, cuja autoria é de Moacir Gadotti (2012). No que tange a obra do próprio pensador, utilizaremos como referenciais “Por uma pedagogia da pergunta”, de 1998 e o clássico “Pedagogia da autonomia” (2007). Sendo, deste modo possível traçar um panorama geral das reflexões do pensador recifense.

Ao fim e ao cabo, partimos da minuciosa análise de Adriana Puiggrós, especificamente em seu livro, “*De Simón Rodríguez a Paulo Freire: Educación para la integración ibero-americana*”, talvez a mais renomada obra que se proponha a aproximar os dois autores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender o pensamento de qualquer sujeito é, antes de tudo, compreender seu contexto, o modo como dialoga com sua história e com as diversas condições apresentadas pela sociedade na qual está imerso. À critério de ilustração, Simón Rodríguez foi um pensador venezuelano que viveu entre os séculos XVIII e XIX, ou seja, direta ou indiretamente é alguém que dialoga com o iluminismo, haja vista a força desta matriz de pensamento no período.

Todavia, para além disso, Rodríguez demonstra certa insatisfação com o modo como se pensa educação em seu tempo. Ainda na juventude propõe mudanças, não muito bem recebidas, no modo de organização do sistema educacional de Caracas. Fatores diversos o levam ao exílio, durante o qual acaba passando por diversos países entre os continentes americano e europeu.

As diversas experiências vivenciadas em seu período de exílio muito provavelmente influenciaram suas ideias sobre uma “educação republicana”. Isto é, influenciaram diretamente sua noção de Educação Popular (Durán; Kohan, 2018). Aponta Rodríguez para vários pontos, que versam desde uma preocupação com “uma América para os americanos”, que sob sua ótica significa preservar o que há de mais próprio nas culturas dos povos originários e possibilitar a ocupação dos espaços “improdutivos” das terras americanas para sua própria população, ao invés de abrir espaço, por meio de políticas de estado partidárias do intenso fluxo migratório de pessoas do chamado velho

continente. Cujas consequências diretas seriam para um desenvolvimento econômico irrefletido, características potências estrangeiras e, sobretudo, o epistemicídio, propiciado pelo branqueamento da população americana. (Rodríguez, 2016, p. 200).

Até uma preocupação mais própria com o “sistema educativo” em vigência, sendo crítico de modelos reprodutivistas, em especial ao de Joseph Lancaster, e confessionais de uma maneira geral. Acreditava que nenhuma dessas perspectivas tinham potencial de libertar as pessoas das amarras que a sociedade lhes impuseram, conforme podemos averiguar:

Cuidem de seus filhos; não seja que, por deixa-los a granel em escolas de especulação ou de caridade, vejam-nos amanhã sumidos na ignorância mais crassa que a que hoje consideram como inerente à pobreza. O homem não é ignorante porque é pobre, mas ao contrário. (RODRÍGUEZ, 2016, p. 201)

Todavia, sua insatisfação com o caminhar de sua sociedade vai ainda mais fundo. Podemos dizer que sua filosofia é “metacrítica”, pois propõe-se à fundamentar-se numa análise, ainda que embrionária, dos limites da razão dita “crítica” característica do iluminismo. Em seus próprios termos temos o seguinte “ESCLARECIMENTO! CIVILIZAÇÃO são palavras *vagas* se não determinam as ideias que se expressam com elas” (Rodríguez, 2016, p. 202).

Em suma, “Se quisermos fazer REPÚBLICAS, devemos empregar meios TÃO NOVOS como é NOVA a ideia de ver pelo bem de todos” (Rodríguez, 2016, p. 203) o autor aponta para a necessidade da América Latina (e em especial, as recém libertas repúblicas da América do Sul) ser original, de buscar determinar-se para além dos moldes e padrões pré-estabelecidos pelas nações ditas civilizadas e aponta para a educação como condição *sine qua non* para a efetivação de tal feito.

No entanto, como já foi visto, esse processo não poderia se dar mediante “qualquer tipo” de educação. Ao colocar-se no horizonte uma nova sociedade, a efetivação da Utopia, faz-se urgente não uma mera “reforma”, mas uma “refundação” do sistema educacional. Rodríguez tenta fazê-lo ao conceber sua Escola Popular – que, para os moldes de seu tempo, levava o termo “popular” às últimas consequências. Subvertendo a ordem social, numa experiência sem precedentes de anulação das distinções entre gênero, classe e raça no ambiente escolar; tomando a igualdade enquanto axioma.

Podemos dizer que sua escola é, em última instância, baseada em 4 princípios norteadores: Hospitalidade: pois profana as hierarquias do mundo social, propiciando tempo livre para o momento educativo; Irreverência: enquanto insubmissão, não aceitando hierarquia nem do ser nem do saber; Comunismo: pois todos os recursos materiais e imateriais são comuns e compartilhados e, por fim, a Pergunta: ensina-se ou cria-se o hábito de perguntar, sob o pretexto de que um tipo de pensamento pautado na pergunta, seja radicalmente mais difícil de ser moldado.

Se Simón Rodríguez vivia um período crítico, marcado pela independência de distintas nações ao longo da América, Paulo Freire, a quem conhecemos muito melhor; viveu uma sucessão de transformações, sobretudo no Brasil. Uma sucessão de golpes de estado, governos autocráticos e autoritários, uma recusa de todo e qualquer pensamento minimamente progressista e/ou alinhado à esquerda sob a acusação de serem facetas do tão temido comunismo, davam a tônica de seu tempo.

Carregando consigo influências diversas, permeando desde o existencialismo francês (em especial, nas figuras de Gabriel Marcel e Jean Paul Sartre), as teorias políticas de ordens marxiana e marxista, as perspectivas pedagógicas de John Dewey, a antropologia de Jean-Jacques Rousseau e uma perspectiva religiosa de matriz cristã. Torna-se bastante complexo compreender seu pensamento – e impossível classificá-lo enquanto “simplista” ou pouco original, como o fazem seus detratores. O modo como se dá o arranjo de cada uma das ideias contidas no seu campo de influência gera teses diversas e de direta implicação no modo com que guia sua vida e, conseqüentemente, seu fazer pedagógico.

Freire passou também por um longo período de exílio, após ser preso sob a acusação de subversão, passa por diversos países; diferentemente de Rodríguez, prestando consultoria educacional à diversas nações, sobretudo africanas. Suas reflexões o fazem ser um dos autores mais lidos e citados em textos acadêmicos ao redor do globo.

Enquanto a noção de educação popular do caraquenho centra-se no ensino de crianças de todas as classes, raças e gêneros; a perspectiva freiriana dialoga muito mais fortemente com os Movimentos Sociais, que naquele momento histórico despontavam como os grandes vetores de mudanças no caminhar da sociedade.

Todavia, ressaltamos, não cabe colocar Paulo Freire no campo de um mero “idealismo pedagógico”. Muito pelo contrário, nosso autor tinha plena consciência de que, sozinha, a educação não transformaria a realidade; mas que analogamente, a realidade não poderia ser transformada sem que se passe por modificações na educação, e estas, são naturalmente movidas pelas dinâmicas antagônicas e embates entre as distintas classes no curso da história. Ou seja, “Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante” (Freire, 2007, p. 112).

Sem sombra de dúvidas, Freire é o grande baluarte do que compreendemos enquanto “educação popular”, se hoje a compreensão do conceito se dá nos seguintes termos:

A educação popular como uma concepção geral da educação, via de regra, se opôs à educação de adultos impulsionada pelo Estado, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário (GADOTTI, 2012, p. 7)

É por conta de sua quase imensurável influência. Ainda que tenhamos Rodríguez, Mariátegui, José Martí e tantos outros pensadores apontando para um horizonte popular de educação, o diálogo com a obra de Freire é imprescindível até mesmo para que atualizemos conceitos, teses e categorias de elaboradas pelos seus predecessores.

Assim como Rodríguez, Paulo Freire questiona-se e busca encontrar formas de chegarmos à liberdade. Se o primeiro partia da formação (remetendo ao sentido grego de *paidéia*) enquanto a dimensão primeira de propiciar a liberdade ou a efetiva libertação; o último aponta que é os processos educacionais, na verdade, são experiências práticas do que seria “liberdade”. Como nos assegura Gadotti, uma educação como prática da liberdade, condição para a vida democrática: educação como produção e não meramente como transmissão de conhecimentos; a educação como ato dialógico (recusa do autoritarismo), ao mesmo tempo rigoroso e imaginativo. (2012 p. 21)

Para tanto, é mister remontar à Experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte, onde por meio dos círculos de cultura, conseguiu-se alfabetizar mais de 300 trabalhadores

em 45 dias. Consciente de que a leitura de textos escritos prescinde da leitura de mundo, não limita-se ao mero letramento, mas propicia a compreensão da realidade enquanto processo de construção histórico-social, levando cada educando à compreender-se enquanto sujeito de seu próprio tempo (Perez, 1991, p. 4). A educação nesses termos não fica restrita aos processos formais, mas mescla-os com os processos formativos não-formais, rompendo uma barreira que em diversos casos parece intransponível.

É importante ainda observar que quando refere-se à pergunta, Freire não o faz de maneira aberta, não a coloca enquanto um mero recurso didático ou um artifício pedagógico; mas enquadra-se como “primeira forma de linguagem humana”.

“Eu insistiria em que a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar; eu me atreveria a dizer que a primeira linguagem foi uma pergunta, a primeira palavra foi a um só tempo pergunta e resposta, num ato simultâneo.” (FREIRE, FAUNDEZ, 1998, p. 25).

Em suma, os apontamentos e investigações feitas por Freire e Rodríguez parecem caminhar rumo ao mesmo horizonte: a libertação popular. Em um contexto amplo, creem que o caminho pelo qual podemos atingi-la seria a educação.

Lendo a Simón Rodríguez se tem a impressão de haver vivido este tempo, mas reconhecer a diferença a semelhança dos problemas que aborda com os que nos afetam, se se percebe alto tortuoso na história da cultura e da educação latino-americanas. Vinculando-o com Paulo Freire, se potencializa a esperança e se constitui uma massa crítica de cultura pedagógica que nos habilita a pensar as políticas nas quais escreveremos a educação para o presente e para o futuro. (PUIGGRÓS, 2011, p. 113).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a análise de Moacir Gadotti se funde em um horizonte intrinsecamente freiriano, sua compreensão da educação popular “como uma arena (no sentido gramsciano) na qual é preciso marcar posição, garantir conquistas e conquistar novos direitos, trabalhando com as contradições e limites existentes tanto no Estado quanto fora dele” (Gadotti, 2012, p. 2), dialoga de maneira muito estreita com a filosofia de Simón Rodríguez.

Ainda que o mestre de Bolívar e o patrono da educação brasileira possam discordar quanto ao modo com que venha a se dar essa “conquista de novos direitos”; ambos colocam-se avessos às perspectivas onde os educandos estejam em posição de passividade, haja vista, que sua posição passiva torna-se fator determinante para a manutenção do *status quo*. Tese confirmada por Puiggrós: “O ponto de coincidência, entre os autores do reprodutivismo, foi considerar a educação como um dispositivo de reprodução da ideologia dominante” (2011, p. 8, tradução nossa).

Bem como as palavras do próprio Freire entrelaçam-se às ideias de Simón Rodríguez, que embora não fosse negro, não fosse mulher e, em última instância, não fosse membro das classes populares; advogou ostensivamente em favor destas. “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (Freire *apud* Gadotti, 2012, p. 3). Assim como Freire, o pensamento de Rodríguez também opõe-se à lógica excludente da cosmovisão neoliberal. (Puiggrós, 2011, p. 100).

Podemos compreender, portanto, que apesar das inúmeras diferenças que possam ser apontadas entre as obras de Rodríguez e Freire, podem ser vistas como meras minúcias ou preciosismos. Guardando as devidas proporções e tendo em mente que cada qual atendeu às demandas de seu tempo, podemos dizer que ambos tem a educação popular como horizonte a libertação social.

## REFERÊNCIAS

DURÁN, Maximiliano Lionel; KOHAN, Walter Omar. **Manifesto Por uma Escola Filosófica Popular**. Rio de Janeiro: Nefi Edições, 2018. 144 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 146 p.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/15.-Por-umaPedagogia-da-Pergunta.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico, 18 (1), 10-32. 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>. Acesso em: 29 jun 2021.

PEREZ, Geraldo. Educação Popular segundo Paulo Freire. **Bolema**, Rio Claro – SP, v. 6, n. 7, 1991. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/10704/7087>. Acesso em: 15 jul 2021.

PIUGGRÓS, Adriana. **De Simón Rodríguez a Paulo Freire: Educación ára ça integración iberoamericana**. Buenos Aires: Colihue, 2011. 123 p.

RODRÍGUEZ, Simón. Extrato sucinto da minha obra Sobre a Educação Republicana. In. **Inventamos ou erramos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 195 – 208